

As frágeis colunas

JORNAL DO BRASIL

da educação

SÉRGIO NOGUEIRA LOPES *

Se o governo tiver realmente vontade de revolucionar o ensino no país, deverá reservar os maiores recursos financeiros, políticos e sociais para a valorização do professor e do saber. Temos provas suficientes de que a educação não evolui apenas através de recursos tecnológicos e de edificações sumtuosas de escolas.

Os governos têm se preocupado em construir escolas. Houve uma concepção imobiliária da educação. O saber perdeu importância para a esperteza, e o professor perdeu o entusiasmo pelo ensino. Cresce a distância entre a escola e a sociedade. Há uma profunda inversão de valores. A ascensão social se faz mais amplamente por outros caminhos que não o do saber. E tristemente o próprio governo se constitui a partir dessas distorções.

É da equação *interesse pela aprendizagem — entusiasmo pelo ensino* que vai resultar a boa escola. Mas isso está relacionado aos valores maiores da sociedade. Só se pode ter uma educação de alto nível numa sociedade que acolha esses valores e não numa sociedade em que se tem lições na escola diferentes das lições de vida. A valorização que se dá às pessoas na nossa sociedade passa por outros caminhos que não o da educação. Confunde-se esperteza com inteligência e saber com argúcia. Como se o aspecto físico dos prédios escolares tivesse a ver com a sabedoria intrínseca do ensino neles contido.

Não são as colunas arquitetônicas que sustentam paredes e telhados fundamentais para as lições de saber dos mestres. A educação independe das formas dos Ciacs e dos Cieps, que de uma certa maneira não passam de artifícios espertos para mostrar que temos programas de educação. Os verdadeiros programas de educação estão na essência do conhecimento e do saber e não nas lições superficiais que estimulam o famigerado conceito de

que o importante é levar vantagem em tudo.

Anos de descaso com os verdadeiros princípios educacionais nos levaram a um Congresso que reflete a deseducação do nosso povo. A pessoa sabida por outros meios, distintos e diferentes dos meios do saber, obtém ascensão social. Ganha mais quem sorrateiramente transgride melhor e não quem tem conhecimentos.

O país precisa de uma transformação global. O que não traz resultado positivo é mascarar a situação. Não se pode ter um professor ganhando salário de R\$ 47 enquanto um deputado recebe R\$ 10 mil. Também não é possível haver uma escola séria enquanto a principal atração pedagógica for a merenda. Embora a comida seja essencial para crianças que já nascem prejudicadas pela desnutrição e não obtêm nos três ou quatro primeiros anos de vida o mínimo de alimentação para seu desenvolvimento físico e mental.

A educação deve iniciar-se pela conscientização das famílias ao gerar filhos. Essa consciência abrange o conhecimento de que só pessoas que saibam ler, escrever — e entendam o que leem e o que escrevem — poderão evoluir e se tornar úteis dentro de uma sociedade sadia e competitiva.

A escola, através do ensino de alto embasamento moral e do saber e não de tecnologias, como se pensa, é que poderá formar cidadãos com perspectivas de realização pessoal e profissional. Mas, para isso, torna-se imprescindível o investimento sadio em educação, a começar pelo resgate da valorização do professor, através de uma política de recursos para o treinamento, aperfeiçoamento e remuneração justa sobretudo dos profissionais de nível básico.

Este é um grande desafio para o governo. É relacionar a escola às instituições e procurar na medida do possível dar boas lições à sociedade através das instituições nas quais ele influi.

* Professor, sociólogo e presidente da Sociedade Pestalozzi do Brasil